

## Ensaio

### MÁSCARAS, TRANS=FORM=AÇÕES PESSOAIS

### MASKS, PERSONAL TRANS=FORM=ATIONS

Deolinda Fabietti<sup>7</sup>

Flora Elisa Carvalho Fussi<sup>8</sup>

## Resumo

Este artigo surgiu do encontro de duas arteterapeutas que ministram o mesmo módulo de um curso de pós-graduação *lato sensu* em Arteterapia e da percepção em relação ao desenvolvimento de seus alunos, do aprofundamento de conhecimento pessoal e teórico destes e do processo de transformação pessoal fortalecido na confecção e aplicação da máscara. Aprofunda-se o fundamento teórico nas raízes da confecção das máscaras a partir de seu anonimato, ao possibilitar um jogo que transmite sensações, desejos, experimentar ou reconhecer personas, culminando na busca da essência – o *self*. Tem-se um cuidadoso trabalho do professor nesse momento de formação do arteterapeuta, com foco na relação eu-outro, trazendo o cuidado e a responsabilidade, nesse processo de permissão para a possibilidade do cuidar, na construção da persona profissional.

**Palavras chave:** Transformação, self, persona, Arteterapia

---

<sup>7</sup> Graduada em Letras (1975), Mestre em Gerontologia Social pela PUCSP (2002), arteterapeuta. Coordenadora em São Paulo do curso de pós-graduação *lato sensu* em Arteterapia do Centro de Pesquisa e Aprendizagem - Alquimy Art, orientadora e supervisora na construção de monografias e estágios. Facilitadora em atendimento arteterapêutico individual ou em grupo de jovens e idosos. Autora do livro *Arteterapia e Envelhecimento*, Casa do Psicólogo, e participante do livro **Envelhecer Bem, Recriando o Cotidiano**, com o capítulo Cuidando do Idoso. (Editora Aquariana). [deolinda.fabietti@terra.com.br](mailto:deolinda.fabietti@terra.com.br)

<sup>8</sup> Mestre em Ciências da Educação- Universidad Evangélica Del Paraguay-PY, Especialista em Psicoterapia com Base Psicanalítica, Coordenadora local do Curso de Especialização em Arteterapia do Alquimy Art em Goiânia-GO. Arteterapeuta do CAPS-Novo Mundo da Prefeitura Municipal da Saúde de Goiânia –GO. Presidente da ABCA-Associação Brasil Central de Arteterapia, membro do conselho diretor da UBAAT-União Brasileira das Associações de Arteterapia. E-mail: [floraelisafussi@gmail.com](mailto:floraelisafussi@gmail.com)

**Abstract**

This article arose from the encounter between two art therapists who teach the same module in an Art Therapy post-graduation course and from the perception related to the development of its students, the deepening of personal and theoretical knowledge of them and the personal transformation process strengthened in the making and application of the mask. Deepens the theoretical background in the roots of the making of the masks from their anonymity by allowing a game that transmits sensations, desires, experience or recognize personas, culminating in search of the essence - the self. It exists a careful work of the Professor at the moment of formation of the art therapist, focusing on self-other relationship, bringing the care and responsibility in this process of allowance for the possibility of care in the construction of professional persona.

**Key words:** Transformation, Self, persona, Art Therapy

Esse artigo nasceu da necessidade de ampliar e mostrar o que e como em um curso de pós-graduação *lato sensu* especialização em Arteterapia se trabalham os conteúdos internos dos alunos possibilitando e dando a eles subsídios de um aprofundamento e conhecimento de suas estruturas internas, para melhor atuação enquanto profissionais.

O Alquimy Art é um Instituto de Ensino e Pesquisa, cujo objetivo é formar especialistas para atuar nos processos de desenvolvimento humano por intermédio de recursos expressivos e artísticos, compreendendo as inter-relações presentes na sua utilização em projetos de intervenção arteterapêutica em ONGs e instituições ligadas à saúde, à educação e às organizações empresariais.

Iniciamos em 2000 a formação de arteterapeutas no curso de Especialização em Arteterapia, Pós-Graduação *Lato Sensu*, desenvolvido dentro de uma visão holística e sistêmica com caráter instrumental, didático e formativo, de maneira a contribuir para a

construção do pensamento arteterapêutico. O aluno se especializa como profissional de atelier arteterapêutico, dentro de sua área de atuação.

O curso de Arteterapia no Alquimy Art, inicialmente realizado em parceria com a UNP (Universidade Potiguar de Natal – RN) e a partir de 2003 também com a Fizo (Faculdades Integradas da Zona Oeste – SP) e também com a FAL (Faculdade de Natal – RN) vem, ao longo desses anos, aprofundando sua relação com a formação de nossos profissionais, que com muita responsabilidade, abraçam a profissionalização do arteterapeuta.

Além disso, instrumentaliza-se o aluno com um recurso aparentemente lúdico e simples que traz em si a complexidade da alma humana.

O módulo específico de Trans=form=ações, é ministrado por duas professoras, Deolinda Fabietti em São Paulo e Aracaju e Flora Elisa C. Fussi em Goiânia e Uberlândia. O módulo acontece depois de um ano de curso, ou seja, com os alunos familiarizados com a prática arteterapêutica e a maioria seguindo acompanhamento terapêutico, o que garante o aprofundamento dos conteúdos expressos. O eixo teórico do módulo é junguiano, com a abordagem de persona, sombra, anima e animus.

Achamos que depois de 10 anos nosso material era riquíssimo e que poderíamos juntas, construir esse artigo, visando enriquecer e aprofundar as práticas arteterapêuticas.

Ao trazermos a persona para o grupo, trazemos a máscara da psique coletiva, que para Hall e Nordby (1993) aparentam uma individualidade e que por meio dela, tenta-se convencer a si mesmo e aos outros que se é uma individualidade quando, na realidade, se está desempenhando um papel, representando um compromisso entre o indivíduo e a sociedade. A persona dá ao aluno "a possibilidade de compor uma personagem que necessariamente não seja ele mesmo". (HALL e NORDBY, 1993, p. 36), com a possibilidade de, ao ostentar a máscara, causar uma impressão favorável de modo a ser aceito e tornando-se imprescindível à sobrevivência, e possibilitando a convivência,

durante o curso com o grupo. Reconhecendo-se que a máscara usada no curso tende a ser diferente da que é usada em casa, pois existe uma necessidade de adequação, somando-se assim a todas as máscaras utilizadas, constituindo sua persona.

Para Jung, a persona é a “face externa” da psique, é aquela vista pelo mundo. Já para a “face interna”, este autor deu o nome de **anima** para os homens e de **animus** para as mulheres. “Todos nós possuímos qualidades do sexo oposto, tanto no sentido biológico (hormônios masculinos e femininos), como no sentido psicológico.” (FABIETTI, 2002, pág. 27-28).

Amleto Sartori em seu livro *Maschere e Mascheramenti / i Sartori tra arte e teatro* (s/d), diz que a máscara vem de uma necessidade, assim como um jogo, compreendendo-a como uma deformação do homem. Sartori (s/d) relata ainda que o anonimato da máscara permite jogos de aspirações, ou seja, a transmissão de sensações, desejos a serem realizados, ou personalidades a serem assumidas, revelando numa busca profunda a natureza primordial, a essência.

Em 1946 iniciou uma profunda pesquisa sobre as máscaras de *Commedia Dell'Arte*, sua técnica e origem. Eram feitas sobre esculturas de madeira e depois cobertas com couro. Passando a utilizar esta técnica, relata que, a partir da máscara do espetáculo Arlequim (fig.1), em 1952, quando as fez com expressões e características mais espirituais e de fisionomia “animalesca”, observou que na prática teatral, a máscara conduziu os movimentos corporais do ator para atitudes diferentes das do saltitante Arlequim.



Fig.1 - Arlequim

Chevalier e Gheerbrant (1997) as concebem, como a manifestação do *Self* universal que é imutável, ocasionando a revelação divina que leva a uma identificação.

A máscara deve ser proposta ou acatada depois de um bom período de convivência entre os alunos, ou seja, com vínculos formados, onde o sentimento de confiança esteja bem sedimentado, pois durante o processo, cada um irá encontrar recursos próprios para organizar seu conteúdo pessoal, em momentos singulares, trabalhados simbólica e criativamente (Fussi, 2003).

Colocar a atadura no rosto do aluno é convidá-lo ao mergulho mais profundo dos seus pensamentos, e uma forte carga de emoções emerge às vezes de maneira pesada e descontrolada.

Daí a importância do professor estar muito presente e atento a todos os sinais possíveis de desconforto. Em aula, o professor faz duplo papel: de professor que ensina, orienta e de terapeuta que acolhe e dá sustentação para eventuais descompassos.

O ambiente deve estar cuidadosamente preparado, mesmo em se tratando de uma sala de aula. O aluno confortavelmente acomodado. Os pares são formados depois de uma delicada busca. Alimentados por uma música doce, os alunos vão caminhando, se

olhando, se encontrando e se juntando. Depois de uma escolha espontânea, sentam e começam uma longa conversa.

Quantos rostos, quantas dúvidas. Medos? Talvez.  
Olhares assustados se procuram,  
Encontram-se, desencontram-se  
Cruzam-se, passam. Quem será?  
Quem dentre tantos olhares e sorrisos me acolherá?  
A quem entregarei minha alma?  
Silêncio.

A atadura é molhada e carinhosamente colocada sobre a pele umedecida.  
Sensação de frescor, frio e de repente..., muito calor.  
Congelado, rígido, preso e em poucos minutos a revelação, o nascimento.  
Sou eu? Quem é você? (Fabietti, 2005)

Todo ritual de aplicação da atadura deve ser preparado. É importante saber como a máscara será feita: meia face, olhos abertos, fechados... Observar o conforto ou até desconforto do parceiro ou parceira é fundamental para esse momento tão delicado e profundo. Ao focarmos a relação eu – outro, surgem considerações sobre o cuidado e responsabilidade, o reconhecimento de couraças quebradas nesse processo e a permissão para a possibilidade do cuidar.

Esse trabalho vai muito além do ensino teórico e prático. É um momento profundo que traz a possibilidade do encontro consigo mesmo, com a persona e a sombra, num processo de individuação e introspecção que ocorre a partir da relação eu – outro.

Encontrar sua persona é olhar de frente uma realidade nem sempre desejada. Desvelar essa verdade pode custar algumas lágrimas. Quando confeccionamos uma máscara concretizamos aspectos nem sempre reconhecidos pela nossa psique.

A confecção da máscara como processo criativo circula entre a percepção do outro e a busca da integração de conteúdos conflitantes. Conteúdos estes de intensa atividade psíquica, do inconsciente coletivo e pessoal. Os conteúdos do inconsciente coletivo, ao emergirem promovem o eco de experiências “interiores da alma universal, onde imagens

primordiais funcionam como elementos inatos e estruturantes da vida psíquica, organizando estas experiências em núcleos complexos” (ZACHARIAS, 1998, p. 69-70).

Para fortalecer nosso trabalho, usamos em nosso módulo a metodologia de Oficina Criativa® criada por Alessandrini em 1996. Com essa metodologia conseguimos observar, detectar e constatar vários aspectos fundamentais para a compreensão e elaboração desse processo. Segundo essa metodologia, depois da sensibilização (massagem, toque, conversa), da expressão livre e da elaboração da expressão, ocorre a transposição de linguagem. Nesse momento as emoções conseguem ser concretizadas em palavras/poemas, e a partir daí, tantos elementos começam a ser decifrados e compreendidos.

O ato de retirar a máscara é tratado com muita atenção. Sugerimos que o aluno, no papel de terapeuta, junto com a (o) companheira (o), que nesse momento está no lugar da paciente, vão descolando a máscara, até sair por completo do rosto. Delicadamente a máscara é colocada ao lado do paciente que nesse momento de encontro deve estabelecer um diálogo eu-ela. É o momento da reflexão e integração, encontro com o desconhecido. Uma atitude reflexiva que enriquece a compreensão e estabelece relações com a figura que se apresenta. Como um ritual de nascimento, algo ali depositado deve ser escutado e acolhido. Quantos sorrisos, surpresas, medos e encantamentos! A fragilidade dá lugar à força, a coragem abre espaço ao reconhecimento do desconhecido.

O momento de olhar a máscara ainda no material gessado, branco, remete ao referencial da máscara neutra (fig. 2) desenvolvida por Amleto Sartori e o mímico Jacques Lecoq. Lecoq desenvolveu uma pedagogia voltada para atores, onde a máscara, por não representar um personagem, se relaciona à disponibilidade de escuta, que possibilita a percepção corporal, o contato com o silêncio. Napoleão (2002) relaciona a máscara neutra ao contato com o silêncio interno necessário à escuta pessoal e a disponibilidade

de projeção do corpo e, para tanto, é necessária disposição e coragem, nem sempre alcançadas.

O material da atadura gessada remete ao sentimento de morte, à sombra. A máscara funerária, para Chevalier e Gheerbrant (1997, p. 596), “é o arquétipo imutável, no qual supostamente a morte se reintegra”. Podem emergir sentimentos de perda pela dificuldade em trabalhar com o material, ou a quebra da máscara. O contato com os sentimentos de tristeza ou angústia ao serem elaborados, permitem o prazer no trabalho plástico da pintura da máscara.



Fig.2 – Máscara Neutra

Para o autor, essa escuta interna exercita a capacidade da duvidar e de buscar um estado de abertura que podemos observar nas falas do grupo: desperta **o toque** (a partir do contato do material, nas mãos de quem faz e no rosto de quem recebe); **o olhar** (para o outro e o olhar através da máscara); a **escuta** (corporal do outro no momento de fazer e a escuta de si, de quem recebe) e o **sentimento** de cada um, em ambos os momentos, de fazer e receber.

Esse instante deve ser vivido tanto pelo aplicador quanto pelo receptor. O aluno vive agora o mágico momento de ser completo, pleno, delicado, amoroso e fiel. Ter em suas mãos o rosto do outro é um privilégio para poucos. Ser terapeuta.

A fase de acabamento é mais descontraída e nem por isso menos profunda. Depois de terminada a face externa, convidamos os alunos a segurarem suas máscaras longe de seus rostos e apresentá-las para o mundo. Olhando dali, como seria a parte interna, aquela que só eles vêem e conhecem. Como é ser dentro? Alguns só entendem sua persona depois de entrarem em contato com sua anima/animus, com sua sombra.



Fig.3 – Simbolismos arquetípicos

Quanta surpresa! É a face que pertence só a ele. O que ela revela?

O elemento surpresa surge por seu conteúdo arquetípico, ou simbólico, que expressam os instintos, que não são considerados como “impulsos cegos espontâneos e isolados, [...] intimamente ligados a imagens de situações físicas, e não há a menor possibilidade de desencadeá-los, se as condições dadas não correspondem à imagem apriorística da situação [...]” (JUNG, 1997, apud ZACHARIAS, 1998, p. 69).

A máscara no momento em que é retirada ou quando sua pintura é terminada pode trazer auto-reconhecimento ou estranheza. Outras vezes a imagem está associada ao mito do herói, suscitando o fortalecimento do ego, mas quando se aproxima dos aspectos sombrios da personalidade, provoca insegurança, medo, enfrentamento, curiosidade..., mas, com certeza, trazem um pouco da história pessoal e coletiva de cada um.

É possível perceber também a mesma busca do silêncio interno necessário à escuta pessoal, procurada na máscara neutra, nesta máscara monocromática confeccionada durante a vivência, colorida com uma cor neutra (fig.4).



Fig.4 - Máscara confeccionada em aula

Observa-se o surgimento de arquétipos sem o referencial dos conteúdos urbanos, imagens arquetípicas de diferentes culturas como dos contos de fadas, da mitologia egípcia, grega, africana entre outras (fig.5).



Fig.5 - A máscara que surpreende

Muitas vezes os conteúdos internos que surgem criativamente trazem aspectos que parecem da sombra pessoal e cultural, integram conteúdos da personalidade, como nesta máscara, que ao trazer as cores do arco-íris, remete a chuva (que cai) e a água parada (ao cair), céu e terra, alto e baixo – ao eterno movimento, refere Zacharias (1998).

Na vida psíquica os acontecimentos são registrados de forma muito individualizada, e para cada um a relação saúde-doença-recuperação está profundamente ligada ao seu processo simbólico, devendo cada um buscar seus próprios significados (FUSSI e PHILIPPINI, 2005).

Cabe ao professor orientar seus alunos a buscarem compreender todos os símbolos, para que juntos a seus terapeutas possam aprofundar os aspectos mais significativos. Pois esse processo desenvolvido com máscaras, traz questões importantes de cada um que surge, ou “questão dos outros de nós,” (PINNA, 2008, p.64).

É chegado o momento de colocar a máscara e olhar o mundo através dela, perceber o outro, sua persona, através da própria persona, mais surpresas... E experimentar a máscara do outro? Se perceber através das dimensões, da vivência, do olhar do outro. Possibilita vivenciar o inconsciente coletivo, levando a uma maior percepção de si.

Esse momento pode levar a uma maior união do grupo, pois vivenciaram juntos conteúdos do self coletivo, conteúdos pessoais profundos e significativos. Um sentimento profundo de respeito e cuidado, cria no grupo, a necessidade de dar forma a estes conteúdos psíquicos que emergiram; as máscaras são colocadas lado a lado, uma a uma cuidadosamente, formando uma mandala (fig.7). Trazendo, conforme Jafé (1964) a projeção das imagens arquetípicas interiores, ou seja, a essência de cada, sobre o seu mundo exterior.



Fig.7 – Mandala

Mas o grupo trabalhou junto durante um ano, compartilharam experiências conscientes e inconscientes, alegres, tristes, se apoiaram mutuamente, olhando a mandala, percebem que falta algo... eles!



Fig. 8 - Compartilhar

Com alvoroço, se juntam, corpos que estiveram lado a lado durante o curso, mãos que se cumprimentaram, criaram, pintaram e escreveram, formam o centro da mandala,

onde cada um concretizou por meio da máscara sua emoção, (fig. 8) revelando algo de si, compartilhando um pedacinho de sua alma!

É importante perceber, como coloca Freitas (1990) que enquanto professoras, também trazemos a nossa persona, portanto é necessário ter uma relação aberta, empática, de aceitação e principalmente criativa com os alunos, cuidando do grupo, conversar sobre os simbolismos que surgem, facilitando a elaboração das sombras. E que esse momento do curso proporciona enquanto ensino-aprendizagem a construção da persona profissional, promovendo a flexibilidade, para a adequação das diferentes situações que irão encontrar, sem que percam suas características da personalidade, que segundo Grinberg (2003) se encontram por traz do ego.

Fazer as máscaras envolve os cinco sentidos, ao sentir na pele o gesso frio no primeiro momento, depois esquentando, seu cheiro, aguçar a audição ao ficar com os olhos fechados para recebê-la e, ao abrir os olhos vê-la! Envolve o fortalecimento da intuição, na diversidade criativa e na percepção do outro. Bem como as funções da personalidade, como o pensamento – na compreensão dos conteúdos ministrados; o sentimento – ao avaliarem se gostaram ou não da vivência; a intuição – na percepção inconsciente da vivenciada e a sensação – na percepção sensorial. E ao final desse processo, percebe-se um amadurecimento do grupo e do ser arteterapeuta.

Data de recebimento: 05 de Abril de 2013

Data de aceite: 10 de Maio de 2013

## Referências

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (1982). **Dicionário de símbolos**. *Mitos, sonhos, costumes, gostos, formas, figuras, cores, números*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997.

FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e Envelhecimento**. Casa do Psicólogo, 2002.

FREITAS, L. V. O arquétipo do mestre-aprendiz. Considerações sobre a vivência. **Junguiana**, v. 8, p. 72-99, 1990.

FUSSI, F. E. C. e PHILIPPINI, A. Arteterapia: Resgatando a possibilidade da alegria no contexto hospitalar. Em: PORTO, C. C. (Org.) **Doenças do coração. Prevenção e tratamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FUSSI, F. E. C. Saúde mental: uma vivência de arte e criatividade. Em: A. C. A. Valladares (Org.) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor; 2003. p. 143-154.

GRINBERG, L. P. **Jung o homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

HALL, C. S. e NORDBY, V. J. **Introdução a psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

JAFFÉ, A. O simbolismo nas artes plásticas. Em: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1964. p. 230-271.

NAPOLEÃO, R. **Workshop Teatro dinâmico/Análise de movimento**. Disponível em: <http://denisestoklos.uol.com.br/solosdobrasil/diario.htm>. Data de acesso: 10 mai 2013.

PINNA, P. B. **A prática da Arteterapia**. Correlação entre temas e recursos. Vol. I São Paulo, 2008.

SARTORI, A. **Maschere e Mascheramenti. i Sartori tra arte e teatro** Disponível: [http://grupo.moitara.sites.uol.com.br/encontros/enc\\_amleto2.htm](http://grupo.moitara.sites.uol.com.br/encontros/enc_amleto2.htm). 10 mai 2013.

ZACHARIAS, J. J. M. **Ori Axé. A dimensão arquetípica dos orixás**. São Paulo: Vetor, 1998.